

Marcílio diz que País não se afasta da modernidade

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — “O Brasil passa por dificuldades políticas conhecidas, mas não perdeu o rumo”. Esta é a mensagem que o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, pretende transmitir aos parceiros econômicos do País nos próximos dias, durante a reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (Bird).

Marcílio chegou ontem a Washington e procurou enfatizar os aspectos positivos da crise. Lembrou que as instituições democráticas e a economia de mercado, ambas relativamente recentes do País, “têm resistido ao duro teste a que foram submetidas”. “O processo político caminha dentro da normalidade constitucional”, disse.

Num momento de confronto aberto entre o Legislativo e o presidente Fernando Collor, o ministro disse que baseia sua confiança em que o Brasil não se desviará do rumo da modernidade, seja qual for o desfecho da crise, “no trabalho que tem sido feito pelo Congresso” para aprovar medidas e políticas que representam o reconhecimento de que “o Brasil não está sozinho no mundo e não pode desco-

nhecer as tendências mundiais”.

Elogio ao Senado — “Para simbolizar isso, vieram comigo dois senadores, um da oposição (José Fogaça, PMDB-RS) e outro que apóia o governo (Odacir Soares, PFL-RO)”, afirmou. “O Senado, por exemplo, tem compreendido a sua missão de aprovar negociações externas de maneira apartidária.” O ministro citou, como exemplo, a aprovação, na semana passada, da adesão do Brasil à Multilateral Investment Guaranty Agency, subsidiária do Banco Mundial que faz seguro de investimento externo contra risco político.

Indagado sobre como se sentia pessoalmente no papel em que viu vários de seus antecessores — como representante, numa reunião internacional, de uma tentativa brasileira de estabilização econômica frustrada por circunstâncias políticas —, Marcílio afirmou que é “marinheiro de outras águas”. “Estou acostumado com a vida e sei que ela tem altos e baixos”, disse. O ministro confirmou que, apesar das dificuldades imediatas, o FMI dará seu “de acordo” à proposta de renegociação que o País deve encaminhar aos bancos credores.